

DAS FRONTEIRAS ABERTAS E (IN)VISÍVEIS: O CENTRO DE SÃO PAULO EM PALAVRAS E IMAGENS

Bethania Sousa Romão¹

Elaine Daróz²

RESUMO: Neste trabalho de investigação, realizado à luz dos pressupostos da Análise de discurso de linha francesa (Pêcheux), propomos um gesto de leitura sobre os sentidos relativamente estabilizados para o tema Fronteiras. Para isso, tomamos como materialidades dizeres sobre a temática, presente em dicionários, bem como fotografias que retratam o centro histórico paulistano. Buscamos, assim, lançar um olhar acerca da plurivocidade dos sentidos inerentes a essa temática, e os efeitos que incidem, em especial, sobre a população da/cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: fronteiras; análise do discurso; cidade; São Paulo.

Palavras iniciais: muitos nas/pelas fronteiras do mundo

“Sou tu sou ele
E muitos que nem conheço /Pelas fronteiras do mundo
E no medo em seus olhos/ Jogado à própria sorte
E à ambição de poucos”
Chico César

Chico César nos aponta para a alteridade do sujeito, isto é, para a sua relação com o outro, seja o mundo, o seu espaço particularizado, o seu interlocutor, num movimento de identificação, estranhamento ou até mesmo resistência à ordem ditada.

Em nosso trabalho, dada a possibilidade de vários gestos de leitura sobre o tema Fronteiras, iremos percorrer alguns dicionários especializados para apreender como são produzidos sentidos sobre essa palavra. Nosso objetivo aqui é escutar a polissemia, a pluralidade de significados, os ruídos que possam ser produzidos pelo tema proposto. Nesse movimento, interessa-nos refletir sobre o modo como alguns autores pensaram as fronteiras na cidade de São Paulo, tematizaram a urbanização e a relação da cidade com o seu patrimônio, e discutiram a situação do centro histórico da capital paulista.

Posteriormente, apresentaremos o ensaio fotográfico que produzimos em várias visitas técnicas ao centro da capital, quando procedemos à observação da cidade em diferentes horários de sua pulsação. A captação e coleta de imagens que ora apresentamos

¹ E-mail: bethaniasousaromao9@gmail.com

² Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo. E-mail: lainedaroz@gmail.com

indicam como o nosso olhar pôde captar as zonas fronteiriças entre o velho e o novo, o preservado e o depredado, o antigo e o contemporâneo, o abandono e a valorização, a presença e ausência do poder público, a riqueza do que persiste e o esquecimento do que é deixado deteriorar.

Em nosso trabalho de investigação acerca desta nossa temática, pesquisando a bibliografia especializada, conversando com professores e colegas, lendo e andando pela cidade e fotografando imagens, também contamos com a presença de autores de músicas e poetas que colocaram em movimento suas vozes sobre as fronteiras. Eles estarão nas epígrafes desse trabalho, indicando que o tema “fronteiras” é de extrema relevância histórica, atual e necessário para uma reflexão sobre a contemporaneidade, e sobre a cidade em que vivemos, já que as “fronteiras do mundo” se colocam mais que nunca a produzir limites e movimentos a olhos vistos. Vale dizer, ainda, que as imagens aqui expostas foram fotografadas por Bethânia Sousa Romão, constituindo parte de seu acervo pessoal.

Visitando alguns significados de fronteira: limites e(m) movimentos

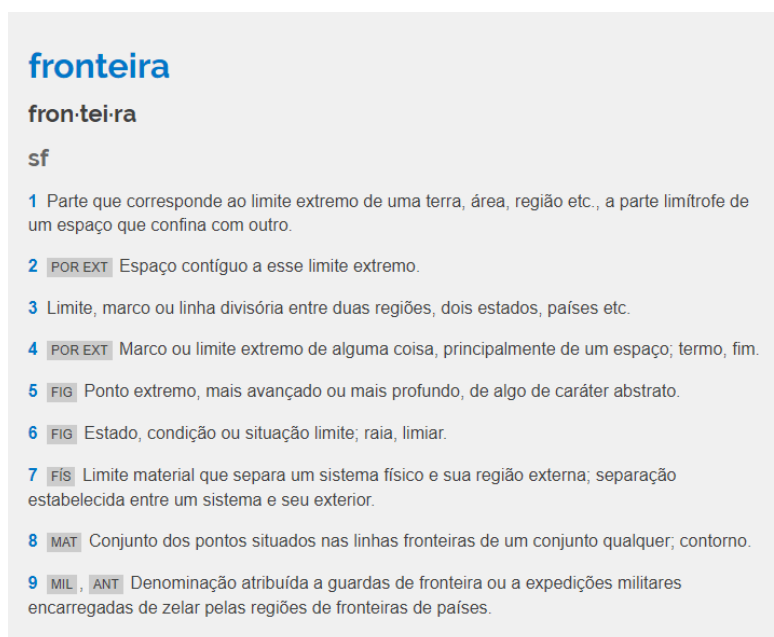
“Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação/ À sua maneira
Com ladrão/ Lavadeiras, honra, tradição
Fronteiras, munição pesada.”
Chico Buarque

Em *A estação derradeira*, Chico Buarque aponta para a heterogeneidade de que o espaço citadino é constituído. Com suas fronteiras muitas vezes movediças, a urbe nos remete ainda a multidisciplinaridade desta temática, visto que a palavra “fronteiras” implica considerar diversas áreas tais como a Geografia, o Direito, a Arquitetura, a Sociologia dentre outras. Enredados por essa trama na qual se entrelaça sentidos e sujeitos, interessa-nos aqui escutar, em dicionários especializados de Língua Portuguesa e Linguística, quais são os sentidos mais repetidos, e reconhecidos, para definir esse verbete.

Nessa escuta, foi possível encontrar algumas demarcações de significados distintos para as suas possíveis e vastas faces. Na primeira delas, o termo “fronteira”, tomado do

Dicionário de Língua Portuguesa Michaelis em sua versão digital³, na figura 1, é significado como substantivo feminino, e designado a partir da imagem de limite, de linha que divide ou delimita um espaço, separando um país ou de território de outro(s). Anotamos que esse é o mais corriqueiro, embora seja um dentre outros nove sentidos possíveis, o que nos conduz a marcar como essa palavra abre um arco de horizontes quando nos debruçamos sobre ela.

Figura 1



Em todos os sentidos acima, algo da espacialidade aparece, seja indicando um lugar físico, ou imaginário e simbólico, o que nos permite inferir que a fronteira implica sempre dois territórios, dois extremos, dois pontos, dois mundos que em diferença se estabelecem, e mantém uma relação de tensão. Isso para nós é bastante importante, tendo em vista o fato de que iremos percorrer o centro histórico de São Paulo, adentrando ruas e espaços públicos que se constituem na tensão entre o centro e os bairros, entre as instâncias pública e privada, entre o antigo e o novo, entre limites que produzem efeitos de movimento, diferença e tensão.

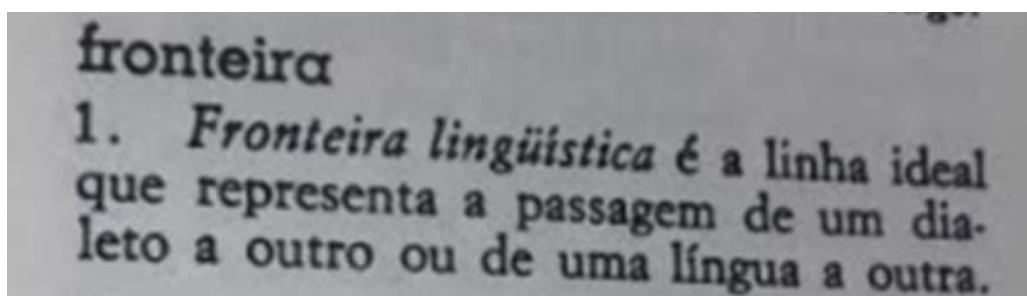
Sobre fronteiras, nos remetemos ao trabalho de Hissa (2002), que nos diz que refletir sobre fronteiras reclama uma discussão sobre o poder, na medida em que espaços e territórios são demarcados, e mantidos para estabelecer domínios e situar as pessoas ora

³ Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fronteira/> Acesso em 20 de set. 2018.

dentro, ora fora, inclusive da legalidade. Ou seja, toda fronteira coloca uma relação de e com o Estado, instância que confere legitimidade e reconhecimento na administração do político da vida, da cidade, da organização social e, com isso, anseia colocar em funcionamento uma linha ideal do que pode e do que deve ser feito para ser reconhecido como pertencente a esta ordem social. É certo que isso não acontece sem conflitos – muitas vezes armados – e tensões de (des)pertencimento, de recusa, de resistência e de tentativa de revirar essa ordem do político. Os palestinos na Faixa de Gaza, os haitianos em marcha para os Estados Unidos, os migrantes nordestinos, os europeus do leste em Paris: todos eles apontam que as fronteiras são lugares de movimento em que a ordem estabelecida é recusada, e a procura por outros lugares de existir se faz necessária.

Posto isso, investigamos outro dicionário, agora de Linguística, exposto na figura 2, organizado por Jean Debuis (1978), que acrescenta um ponto importante, qual seja de que a fronteira é a criação de uma linha idealizada que se constitui como lugar de passagem, de trânsito, de fluxo em que esse dentro e fora estão em movimento, em que as línguas se transmitem, e transmutam no encontro e desencontro de pessoas.

Figura 2



Isso é significativo para nós que iremos trabalhar com as fronteiras difusas e visíveis do/no dentro histórico de São Paulo, tomando-as como marcas de linhas divisórias e de diferenças, mas também como linhas de movediço trabalho de deslocamento e de passagem. Isso aponta que as fronteiras são lugares de movimentos de tensão, de contrastes e de antagonismo, o que nos leva a tomar o limite da fronteira como dinâmico movimento de pessoas que se situam e se deslocam em territórios, lugares e regiões nas

quais opera a ação dos Estados Nacionais e dos poderes públicos, o exercício das políticas governamentais de preservação, imposição de leis, manutenção e guarda das fronteiras.

Isso é bastante interessante porque indica o modo como aqui estamos definindo o termo fronteiras: não o entendemos aqui apenas como linha limítrofe e divisória (embora esse seja o sentido dominante), mas como lugar de movimento e fluxo no qual o humano produz diferenças, transgressões e deslocamentos. Podemos pensar nas línguas de fronteira como uma boa representação disso: embora oficialmente os territórios falem línguas diferentes com Estados Nacionais definindo onde se fala oficialmente qual idioma, na fronteira elas se misturam, interagem de modo a formar combinações e identidades híbridas como é o caso do portunhol nos limites geográficos do nosso país.

Fronteira então é a relação de (des)encontro do humano consigo e com o outro diferente. Estamos novamente tomando o significado de fronteira a partir da dinâmica de movimentos de diferenças, (des)encontros e (dis)junções, contrastes que se interpenetram e tencionam a ordem estabelecida, produzindo ruídos, barulhos e um ranger que constitui a ordem da própria fronteira e que se espalha pela vida das pessoas e da cidade. É justamente isso que iremos escutar a seguir, em relação às fronteiras que captamos ao longo de visitas ao centro histórico da cidade de São Paulo.

A cidade, o centro: alguma coisa acontece

“Quando eu morrer quero ficar,
Não contem aos meus inimigos,
Sepultado em minha cidade,
Saudade.
Meus pés enterrem na rua Aurora
No Paissandu deixem meu sexo,
Na Lopes Chaves a cabeça
Esqueçam.”
Mário de Andrade

Em um estudo sobre a obra de Bauman, Sá e Retz (2015) indicam que certas funções do pensamento humano, tais como esquecer, apagar, substituir, são verbos que estão em constante movimento na vida contemporânea, já que as fronteiras estão cada dia mais fluídas e líquidas pela economia e cultura globalizadas compondo um cenário de migrantes, errantes, turistas e vagabundos como indica o autor. As fronteiras, antes

desenhadas de modo mais rígido, apresentam hoje bordas mais abertas e difusas seja pela globalização dos mercados, seja pela explosão tecnológica, o que intensifica movimentos de trânsito, integração e fluidez, não sem conflitos. Como vimos formulando, fronteira é um lugar de movimento e de relações com a diferença radical do outro na vida social e, nessa direção, apresentamos o centro da cidade de São Paulo como lugar de limites, de traços e de linhas divisórias. Traços e linhas que contam com movimentos produzidos por transeuntes, moradores, trabalhadores e cidadãos diferentes, muitos dos quais vindos de outros lugares do país e do mundo, falantes de outras línguas, ou da língua portuguesa com outros sotaques, diferenças que se escancaram a cada esquina.

Em termos gerais, numa cidade é o poder público que define o que deve ser preservado e o que pode ser demolido, onde é proibido circular e a quem está autorizada a entrada, os lugares que podem e devem ser visitados, e aqueles que restam fechados, aqueles que precisam credencial para entrar e aqueles a que nunca a população terá acesso; enfim, o modo como o espaço deve ser usado e para quem isso está disponível. Só isso já é um indicador de que a administração do espaço urbano passa pelo poder público, e ele não assegura a todos os mesmos direitos.

Raquel Rolnik (ROLNIK, 1988, p. 1)⁴, autora dos livros “A Cidade e a Lei” e “O que é Cidade”, “Folha Explica São Paulo”, possui vários artigos e publicações sobre a questão urbana, e afirma que São Paulo é uma

Cidade de fronteiras abertas. Assim se configurou São Paulo no início deste século: palco que se preparava para ser território sob domínio do capital. Em menos de 30 anos, São Paulo passa de cidade/entrepósito comercial de pouca importância no país escravocrata para cidade-vanguarda da produção industrial. Esta passagem se produziu em um momento de transformações profundas na ordem social: passagem de um Estado imperial escravocrata para a República do trabalho assalariado. Esta transição, redefinição do social, foi uma transformação multidimensional: mudaram enredos, palcos e personagens.

Concordamos com a autora, São Paulo é realmente uma “cidade de fronteiras abertas” que aglutina povos, reúne comunidades, coloca em relação habitantes vindos de

⁴ Na página da autora, há vários artigos científicos e textos midiáticos. Disponível em <https://raquelrolnik.wordpress.com/artigos-e-publicacoes/> Acesso em 20 de out. 2018.

diversos lugares e congrega culturas de tal modo que uma imensa pluralidade de narrativas projetam-se, constroem e perfazem o espaço urbano. Daí o poeta Caetano Veloso ter afirmado na canção *Vaca Profana* que “São Paulo é como o mundo todo”. E como toda pluralidade implica divergência, confronto e tensão, ou seja, o centro da maior capital do país é também uma zona de contrastes, confrontações e conflitos. Ainda segundo Rolnik (1988, p. 15),

o centro é uma área que, por princípio mesmo de constituição, mistura grupos sociais — zona de tensão. Por todas estas razões, a ação governamental sobre o centro da cidade de São Paulo foi insistente: removendo prostitutas, mendigos, biscateiros, quituteiras, encortiçados, formulando leis e empreendendo reformas. Estes projetos de reurbanização originaram inúmeras lutas pela apropriação do espaço recriado. Ao mesmo tempo o centro sempre foi a arena principal de lutas, quando da ocorrência de revoltas de ruas. Estes eram os momentos de “explosão” dos movimentos urbanos, quando se articulavam formas variadas de oposição à ordem constituída.

A ação de diversas políticas de “revitalização” não é coisa do passado e ainda hoje é comum esse sentido reaparecer em depoimentos de políticos no tocante a formas de higienização do espaço urbano. A autora (ROLNIK, 1988, p. 4) mostra como isso foi (e ainda é) presente quando se fala da história do centro histórico de São Paulo.

Sua sujeira e promiscuidade são, desde o século passado, apontadas como responsáveis pelas epidemias. Sujeira, pela falta de água ou esgoto, promiscuidade pelos hábitos “bárbaros”, “não civilizados” de seus moradores. Assim cortiços e encortiçados são imediatamente identificados com sujeira, peste, imoralidade e barbárie. A operação estigmatizante se completará então com a indicação destes territórios e suas populações como sujeitas a controles e leis especiais.

Essa associação do centro como um lugar de sujeira e promiscuidade passou pela proposta pública de erradicação dos cortiços e das moradias coletivas no passado, e ainda hoje persiste, por exemplo, no modo de tratamento dado à crackolândia. A lógica de expulsar as pessoas que são consideradas fora da ordem, e de criar “um morar civilizado proposto pelo padrão consubstanciado na vila higiênica” (ROLNIK, 1988, p. 12) indicam focos de luta por espaço e tensões de fronteiras que se abrem constantemente. Assim, o centro de São Paulo apresenta-se palco de confrontos e tensões que marcam lutas por persistir, resistir e permanecer com voz na cidade, marcando o urbano com a diversidade das fronteiras abertas.

Posto isso, analisamos e fotografamos os prédios a partir das marcas de fronteiras que eles guardam, buscando desacostumar o nosso olhar dos sentidos saturados no cotidiano e tidos como naturais na paisagem urbana. Consideramos que muitas vezes não percebemos uma composição urbana, um recorte de arquitetura, uma intervenção de arte, um monumento, uma placa de serviço público etc, e passamos por locais da cidade – especialmente do centro – sem atentar a circunstâncias divisórias e fronteiriças nas quais há oposições, segregações, distanciamentos, barreiras à estética e também aproximações, espaços de integração e convivência e limites dissolvidos na trama urbana.

A partir de um trabalho minucioso, buscamos apresentar a existência não de linhas rígidas de demarcação e de fronteira, apontando onde começaria uma e donde terminaria a outra, mas indícios de fronteiras abertas, e simbólicas, que a cidade guarda. O que afirmamos sobre essa divisão (in)visível é que partir da percepção do corpo e interpretação do olhar, foi possível apreender pequenos pedaços de mundos diferentes e vários momentos polarizados e materializados em que fronteiras gritam diferenças e movimentos em imagens e cenas urbanas.

Com a câmera na mão, em várias visitas ao centro histórico paulistano, reconhecemos duas fronteiras: a primeira delas, mais física, que se traduz em construções antigas e modernas lado a lado; já na segunda fronteira, consideramos, a partir de vultos de pessoas que inscreveram na cidade, a radical diferença com o outro. Nesse gesto, destacamos, dentre outros pontos, a espacialidade de temporalidades estampadas em prédios do miolo da grande São Paulo, que inclui estar na própria fronteira, designada a partir das diferenças arquitetônicas entrecruzadas por construções, ruas e prédios.

De um lado está a originalidade dos traços que estruturam, e mantém presente o passado; dos séculos XIX e início do XX restaram obras cujos detalhes eram vinculados a alguma escola estética e que só depois de prontos faziam-se implementados, o que vemos é que havia o estudo, a arte, o planejamento e a espera para o resultado. Muitas obras eram, e até hoje permanecem, como matéria de contemplação pública, pois se investia intensamente nas formas inventadas para se relacionar com o espaço urbano e com os seus moradores.

Os prédios modernos colocam vidros espelhados, revestimento metálico e as linhas retas na composição urbana fazendo ranger ali outra forma de arquitetar, de construir e de trabalhar. Muitos são apenas montados ali com estrutura pré-montadas feitas em outros lugares. Podemos anunciar aqui o cabimento de uma concepção de espaço produzido sob

novas condições de idealização do urbano com a alta padronização dessas construções inéditas, os espelhos que vieram se espalhar, janelas para os sujeitos observarem a cidade de dentro dos prédios. Em oposição a isso os de fora desses observatórios não conseguem alcançar essa visão de horizontes, apenas vêem os prédios ao redor refletidos nos vidros com o olhar marcado pela textura de um tipo de vedação, que impede as pessoas de transitarem em pontos dessa fronteira.

A intimidade, as paredes lisas sem arranjos, as linhas não muito aprofundadas são elementos que desenham os comércios, os escritórios, as fachadas neutras aparentemente neutras que guardam nomes próprios de artistas, nomes de desconhecidos, assinaturas irreconhecíveis... Essas fronteiras de que estamos falando – prédios marcados por diferentes temporalidades, nomes dispostos nas ruas, lugares que podem e/ou não ser adentrados pelos sujeitos citadinos – são vistas integralmente fragmentadas como já vimos até agora. Mesmo que geograficamente houvesse um plano de união entre elas, é certo afirmar que a tensão e o conflito alimentam o estado de diferença entre elas.

Há ainda outro ponto a considerar: muito do nosso patrimônio cultural sofre com a ausência dos órgãos públicos que deveriam manter esse arcabouço histórico preservado e cuidado, porém não há valorização do que é considerável velho, os espaços vão sendo degradados aos poucos, alguns vão perdendo suas estruturas de funcionamento por dentro (diga-se de passagem, o caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro mostra isso), outros vão se apagando pelo descuido e o cheiro da degradação não é de todo fotografável.

Do outro lado da fronteira, os prédios que contam com verba privada, as privatizações das empresas que administram certos lugares de memória, a segurança reforçada e os ingressos com valores inacessíveis à maioria as pessoas. Nessas fronteiras dadas pelo poder econômico insistem as diferenças, as tensões e os conflitos: é isso que iremos apresentar a seguir. Sobre o livro “Folha explica São Paulo” de Raquel Rolnik (1998), Bentes (2011, p. 336) afirma:

São Paulo é uma megacidade que se revela partida entre ricos e pobres, incluídos e excluídos, conectados e desconectados, com sua estrutura básica diferenciada - formando um mosaico -, que marca os constantes contrastes existentes na cidade.

Limites, movimentos e flashes do centro histórico de São Paulo como lugar de fronteiras abertas e tensas nos modos de preservação ou degradação dos prédios, nas

formas de o capital ter ali um lugar de expressão, nomes de rua, prédios, pontos de ônibus e metrô, pichos e palavras escritas no urbano, que marcam o modo como por ali passaram e permaneceram os sujeitos da cidade.

Nosso olhar sobre as fronteiras do centro histórico: avesso do avesso

“E foste um difícil começo
 Afasto o que não conheço
 E quem vem de outro sonho feliz de cidade
 Aprende depressa a chamar-te de realidade
 Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
 Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
 Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
 Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços
 Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
 Pan-Américas de Áfricas utópicas, tûmulo do samba
 Mas possível novo quilombo de Zumbi
 E os Novos Baianos passeiam na tua garôa.”
 Caetano Veloso

Durante visitas ao centro antigo da cidade, procuramos flagrar os limites das fronteiras e os movimentos que dela surgem. Dividimos as fotografias que fizemos em dois grupos. No primeiro deles nos interessam recortes de prédios que criam os efeitos de fronteiras marcadas pelo limite e movimento. Interrogamo-nos: como os prédios falam e silenciam linhas de fronteira no centro histórico de São Paulo? Respondemos a isso com as imagens que se seguem, registrando que há fronteiras mais visíveis e evidentes e outras mais metafóricas e sutis.

Nas imagens – figuras 3 e 4⁵ – há uma linha que se depositou sobre as construções, ou o fio de energia elétrica, atravessa e corta as construções que se seguem, marcando justamente a fronteira entre o moderno e o antigo nos prédios, entre o que se coloca como indicativo de outro tempo e o que se apresenta como sinal do agora.

De um lado, temos a arquitetura de antes com o modo de construção e elaboração trabalhado nos detalhes e frisos da fachada, no desenho de janelas com adornos, marcando a presença de trabalhadores/artistas diversos tais como marceneiro, vidraceiro, gesseiro,

⁵ Vale ressaltar que todas as fotografias que constam desse artigo foram feitas por Bethânia Sousa Romão, e constituem o seu acervo pessoal.

escultor; de outro, a fachada de vidro com linhas retas, o espelhado ao longo de quase toda a superfície e uma simetria que não dá espaço para a mão do artista. Temos aqui uma fronteira física que marca o sinal de uma confrontação, um jogo entre a permanência de construções do século XIX e as de hoje, entre modos de se pensar e conceber os prédios, entre formas igualmente diferentes de trabalhar e construir.

Figura 3



Figura 4



Como podemos observar na figura 5, se visualmente as construções que se seguem são diferentes, algo as une e o diferente se interpenetra, isto é, o reflexo da imagem faz uma ponte, uma entrada e uma presença no corpo do espelho que constitui o prédio moderno; a fronteira tensiona, as diferenças se movimentam. A presença de um ao lado de outro, a imagem refletida do prédio antigo no corpo do novo, as sombras que se deslocam sob o efeito ou ausência do sol e o próprio fio de energia que balança ao sabor do vento: tudo isso aponta para a fronteira como lugar de tensão e movimento.

Figura 5



Registrar esse movimento da/na fronteira e tomar a fronteira como movimento convida o fotógrafo a olhar com atenção o que parece dado como natural na cidade e nascido sem as contradições sociais. As duas imagens que se seguem mostram que, no centro de São Paulo, há uma fronteira entre o antigo e o moderno, na qual os pichos são inscritos. Embora não seja nosso objetivo aqui fazer um julgamento de valor dessa inscrição urbana, achamos interessante registrar como as assinaturas em diferentes pichações indicam outra espécie de fronteira: as diferenças de assinatura, os nomes cifrados de autores, os lugares em que essas marcas são depositadas. Tudo isso aponta para uma fronteira simbólica, uma fronteira de linguagem em que pulsam movimentos de dizer dos sujeitos na cidade, como podemos observar nas imagens a seguir, materializadas nas figuras 6 e 7.

Figura 6

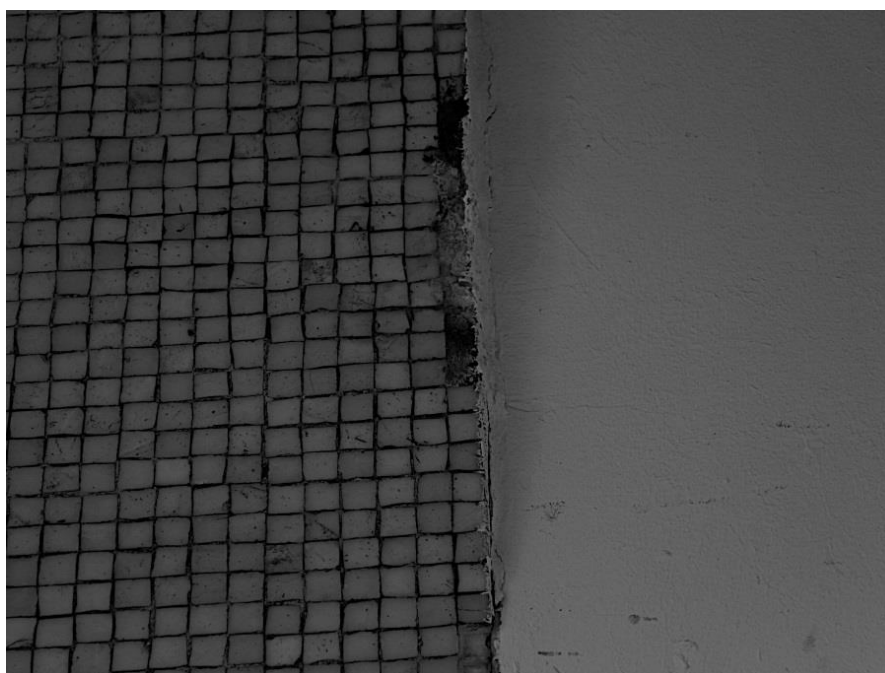


Figura 7



Ainda sobre os prédios, a imagem a seguir, exposta na figura 8, coloca a fronteira de duas texturas, o ladrilho e o cimento. Tomamos isso como uma possível representação do centro antigo da capital, ou seja, a parede com revestimento faltando e a parede lisa. Registramos aqui que a fotografia estabelece uma fronteira sutil entre o que está inteiro e o que se apresenta faltante e ausente, o que está esburacado pelo descuido e o que se apresenta inteiro e pintado.

Figura 8



Nas pastilhas de vidro, um nome próprio aparece inscrito, um nome que para muitos pouco representa ou nada diz, mas para nós funciona como um nome próprio, um nome de artista escrito no prédio ao modo de uma assinatura e de uma marca autoral. Um dos maiores nomes da pintura modernista brasileira entra em oposição ao pichos marcadas no portão de ferro ao lado. Sabemos que muitos pichadores passam um tempo enorme desenhando o seu nome, elaborando sua assinatura e criando formas de elaborar uma caligrafia própria.

Observamos, nesse confronto entre o nome de Di Cavalcanti e os pichos (anônimos para nós que não conhecemos essa linguagem cifrada), na figura 9, uma fronteira simbólica, isto é, um confronto pela diferença que se combina com um movimento de dizer e de insistir em deixar marcas na cidade. Uma fronteira de nomes na fachada de um prédio que marca um outro modo de perceber e atribuir significados ao tema desse trabalho, colocando lado a lado palavras de diferença e de movimento, pois as pastilhas continuam a cair na mesma medida em que os pichos aumentam.

Figura 9



Essa obra de arte é um Mural de Di Cavalcanti está exposta na fachada do Edifício Triângulo e diz respeito a várias fotografias que fizemos, algumas aqui apresentadas. O primeiro edifício em formato de triângulo da capital foi um projeto assinado por Oscar Niemeyer e comandado pelo arquiteto Carlos Lemos, sendo inaugurado em 1955. Com 18 andares e 70 metros de altura, o edifício tinha o objetivo de abrigar escritórios e se tornou uma referência quando recebeu os murais do artista modernista Di Cavalcanti com cenas que remetem ao trabalho humano na cidade. Há figuras humanas com martelos e ferramentas nas mãos, que olham o horizonte; há em outro local que estava fechado, figuras humanas em um cenário com guindastes, o que nos remete ao trabalho realizado dentro da cidade.

Observamos que o local e a obra de arte estão em avançado processo de deterioração e sem restauro. Interessou-nos pesquisar um pouco sobre ela e o seu estado. Por meio de uma reportagem⁶, soubemos que, nos anos 90 do século XX, o local sofreu com uma fogueira feita por transeuntes e moradores de rua, perdendo parte de seus ladrilhos e restando incompleta e parcialmente destruída. De lá pra cá, são 17 anos de descuido e a única realização até o momento foi preencher os espaços vazios por pastilhas de cerâmica inclusive de outra cor, o que mutilou a obra original e a deixou à espera de um cuidado que até o momento não veio.

Esse pedaço com emenda com furo na obra de arte nos diz de uma outra fronteira que poderemos tomar ao pé da letra como reparação malfeita de um mural, ou podemos ampliar para algo maior que simboliza o modo como a arte, os artistas e seus feitos e as obras d arte são malcuidadas em nosso país. A pastilha de cerâmica – opção mais barata – cobre uma obra de arte feita com pastilha de vidro, produzindo uma diferença radical, um limite visual na obra de arte, uma linha de separação que se dá a ver pelo confronto de dois materiais; e produz movimentos seja do jornalista que fez a reportagem televisiva, seja do zelador que arquivo as notícias do descuido, seja no nosso trabalho de fotografar.

Na rua, os transeuntes passam apressados, correndo e se deslocando como vultos atabalhoados com celulares, relógios, mochilas e bolsas. Muitos buscam a próxima esquina, o caminho de volta pra casa, o ponto do ônibus e o caminho do metrô. Há os que

⁶ Reportagem do Programa Metrôpolis da TV Cultura. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-0yM7zfk28Y>. Acesso em 10 de Nov. 2018.

não tem para onde ir e vagam lentamente, arrastando coisas que carregam ou apenas seus corpos. O curioso é que os trabalhadores do mural, figuras 10 e 11, olham permanentemente para a rua, muitas vezes sem serem vistos ou percebidos; temos, então, outro limite entre os trabalhadores parados em atenção ao que acontece na rua e os vultos em atenção a sua própria correria. Retomamos, então, nossa concepção central sobre fronteira, qual seja aquela que tanto estabelece limites pela diferença, quanto impulsiona um movimento entre as linhas fronteiriças.

Figura 10



Figura 11



Outros vultos nos convocaram a olhar e fotografar, outras cenas e fachadas, outros corpos e nomes, pensando a cidade como um mosaico ou uma colcha de retalhos em que vidas são emendadas em fronteiras. É o que podemos observar nas imagens que seguem.

Figura 12



Figura 13



Sobre a cidade, Rolnik (1995, p. 40) nos diz que “é como se toda cidade fosse um imenso quebra-cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais”. Peças diferentes que se tocam, se estranham e compõem com outros, igualmente diferentes, muitos arranjos de convivência, de laço e de arte. Nessas fronteiras, gostaríamos de registrar o quanto esse trabalho foi importante para a nossa formação intelectual, humana e artística, contribuindo não apenas para a nossa experiência como fotógrafo, mas sobretudo enriquecendo a nossa relação e vivência com a cidade e com as fronteiras que ela apresenta.

REFERÊNCIAS

BENTES, J. C. G. *Revista de Estudos Avançados*. v. 25 (71). São Paulo, 2011.

COSTA, W. M. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo: Hucitec, 1992.

DEBUIIS, J. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 25 de set. 2018.

HISSA, C. E. V. A. *Mobilidade das fronteiras*. inserções da Geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MARTINS, J. S. *Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROLNIK, R. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROLNIK, R. São Paulo, início da industrialização: o espaço é político. In: KOWARICK, L. (Org.). *As Lutas Sociais e a Cidade*. São Paulo: Paz e Terra/UNRISD, 1988.

SÁ, O.; RETZ, R. *Introdução a Bauman, o mundo como texto*. Revista Quanta comunicação e Cultura I. v. 01. n. 01. 2015. Disponível em <file:///C:/Users/Sony/Downloads/12-41-1-PB.pdf>. Acesso em 15 de set. 2018.